



Carolina Cardoso de Menezes e sua trajetória no rádio

Maria Teresa Madeira
UNIRIO / PPGM - DOUTORADO
SIMPOM: *Música Popular*
pianopiano@uol.com.br

Resumo: O trabalho constitui-se em relatar parte da trajetória musical da pianista e compositora carioca Carolina Cardoso de Menezes (1913-2000) mapeando os acontecimentos numa breve biografia, enfatizando sua carreira de sucesso e reconhecimento nas maiores rádios do Rio de Janeiro nas décadas de 30, 40 e 50.

Palavras-chave: Piano; Carolina Cardoso de Menezes; Rádio brasileira; Música brasileira.

Carolina Cardoso de Menezes and Her Career in the Radio

Abstract: The work constitutes a report on the musical career of pianist and composer from Rio de Janeiro Carolina Cardoso de Menezes (1913-2000), mapping events in a short biography highlighting her successful and recognized career in the major radio stations in Rio de Janeiro in the 30, 40 and 50, decades.

Keywords: Piano; Carolina Cardoso de Menezes; Brazilian Radio; Brazilian Music.

1. Introdução

Não me recordo exatamente da primeira vez que ouvi o nome Carolina Cardoso de Menezes. Mas lembro-me nitidamente de quando Nestor de Holanda Cavalcanti (n. 1949), então diretor da Divisão de Música da Rio Arte, hoje Fundação Rio, localizada na Rua Rumania 20, Laranjeiras, Rio de Janeiro, perguntou-me se eu conhecia Carolina Cardoso de Menezes. Quando respondi que a conhecia somente pelo nome, ele prontamente me disse que eu precisava conhecê-la de fato. Isso foi em 1995. A partir disso comecei a pesquisar e me informar sobre sua carreira e sua trajetória. Em 20 de março de 1997 pude conhecê-la pessoalmente no Museu da Imagem e do Som (MIS) no evento que comemorou a doação do piano de Ernesto Nazareth feita por seu biógrafo Luiz Antonio de Almeida (n. 1962). Na ocasião fui convidada pelo então presidente do MIS, Jorge Roberto Martins, a fazer uma pequena participação tocando obras de Nazareth dividindo o palco com as pianistas Carolina

Cardoso de Menezes e Maria Alice Saraiva (1913-2001). Foi um final de tarde memorável e emocionante. Desde então comecei a colecionar informações sobre sua vida, sua carreira, sua discografia e suas composições. Paralelamente a isso, entrei em contato com músicos, pesquisadores, familiares, produtores, admiradores e quaisquer pessoas que pudessem e que se sentissem dispostas a contribuir com o andamento de minha pesquisa. O Museu da Imagem do Som do Rio de Janeiro tem sido uma fonte importante de pesquisa, pois conserva em seu arquivo a maioria das partituras de Carolina. Lá também foram encontradas revistas e jornais das décadas de 30, 40 e 50 que registram fatos importantes ligados ao meio musical (Revista do Rádio e Revista do Disco, principalmente).

2. Formação

Carolina Cardoso de Menezes foi uma pianista que desfrutou de muito prestígio tanto no meio musical quanto junto ao público, principalmente nas décadas de 30,40 e 50 no Rio de Janeiro. Carolina se criou dentro de uma família musical. Filha única de Osvaldo Cardoso de Menezes (1893-1935) e Mercedes Gertrudes de Souza Menezes [s.d.] começou a estudar piano com Zaíra Braga [s.d.] por influência de seu pai, também músico e compositor. Em seguida estudou com Gabriel de Almeida [s.d.], e depois com Paulino Chaves (1883-1966). Em entrevista ao jornalista Luiz Carlos Saroldi para o programa “Noturno” transmitido pela Rádio JB em no dia 20 de junho de 1978 Carolina afirma que cursou até o oitavo ano de piano, tendo concluído somente o curso de teoria e solfejo, pela então Escola Nacional de Música. Depois então estudou dois anos de harmonia com seu primo Newton Pádua (1894-1966). Sua mãe, D. Gertrudes, mais conhecida como D. Sinhá, era também pianista e tocava em reuniões familiares. Ainda criança, Carolina costumava acompanhar a mãe ao piano em temas populares a quatro mãos. Seu avô paterno, Antônio Frederico Cardoso de Menezes (1827-1915), era maestro, compositor e pianista. Seu pai, Osvaldo Cardoso de Menezes, começou cedo na vida profissional. Integrou diversos ranchos e agremiações recreativas. No encarte do LP *Os Pianeiros*, lançado em março de 1986 pela Federação Nacional de Associações Atléticas do Banco do Brasil (FENABB), registramos o seguinte verbete sobre Osvaldo escrito pelo pesquisador, historiador e produtor Jairo Severiano (n. 1927):

Pianeiro carioca, já entre os 14 e 17 anos atuava numa casa de chope da Rua Visconde do Rio Branco. A partir de 1912 foi pianista do Kananga do Japão, rancho ao qual outro músico famoso, Sinhô, esteve vinculado na década de 1920. Compositor dos mais variados gêneros, sobretudo de chorinhos, não perpetuou em gravação qualquer de suas obras. Ficaram, no entanto, suas composições. Cardoso, que começou numa simples casa de chope, dedilhava tanguinhos, valsas, xótis, lundus e até provocantes maxixes. Anos depois, era disputado entre os melhores pianeiros procurados para os bailes. Tocava de ouvido..., chegando, por seu virtuosismo no teclado, a ser chamado de “Chorão da Cidade Nova”.

Em 1928, Carolina fez sua estreia em rádio tocando na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (primeira estação de rádio brasileira fundada em 1923 por Roquette Pinto) só sendo contratada como profissional mais tarde em 1930 nesta mesma Rádio.

Também conhecido como Menezes Filho, Osvaldo, seu pai, foi sem dúvida o maior incentivador da carreira de sua filha. Em fins de 1929 levou Carolina, então com 16 anos, para participar da gravação no estúdio da Parlaphon de *Na Pavuna* de autoria de Candoca da Anunciação (pseudônimo de Homero Dornelas, 1901-1990) e Almirante (pseudônimo de Henrique Foreis Domingues, 1908-1980) com o Bando dos Tangarás, do qual fizeram parte Noel Rosa (1910-1937), Luperce Miranda (1904-1977) e o próprio Almirante. Neste registro histórico a batucada foi introduzida pela primeira vez no samba gravado. A partir do registro desta matriz, o disco então foi lançado às vésperas do Natal daquele mesmo ano tornando-se uma das músicas mais tocadas do Carnaval de 1930. Foi a primeira vez que Carolina compareceu a um estúdio de gravação (VASCONCELOS, 1965).

...Almirante, que além de ter criado a letra da segunda parte e as três batidas que se seguem ao coro de "Na Pavuna" ... improvisou durante a gravação, chamando o ritmo com o grito "escola" e introduzindo um breque: "Olá seu Nicoláu, quer mingáu?", ganhando, em troca, uma resposta bem-humorada de Carolina Cardoso de Menezes ao piano. Carolina, por sinal, começa tocando a introdução e não tira mais a mão do piano, até o final da gravação. (CABRAL, 1990, p. 67.)

Como se pode ouvir nesse registro histórico¹ o piano de Carolina, já nessa época, chamava atenção do ouvinte. Logo na introdução já se nota uma incrível intimidade com a linguagem popular. A utilização de recursos rítmicos e a melodia em oitavas sincopadas na mão direita já aparecem claramente nesta época e acabam se tornando uma de suas características marcantes. Carolina, embora tenha tido aulas de piano erudito e também apreciase o repertório clássico se firmou profissionalmente na música popular.

3. Carreira profissional

Em 1930 Carolina estreou como profissional na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, quando sediada na Rua da Carioca. Em entrevista à Revista do Rádio em 1951, Carolina cita o fato de que seu tio Antonio Cardoso de Menezes (1889-?), irmão mais novo de Osvaldo, também músico (violinista e compositor), intermediou essa primeira contratação. Antonio tocou com Pixinguinha no Cinema Palais (verbete Cardoso de Menezes, em CASA, 2015) e também foi o compositor (letra e música) do hino oficial do Fluminense Football Club em 1915 que posteriormente ficou ofuscado pela composição mais popular de Lamartine Babo.

¹ www.vagalume.com.br/almirante/na-pavuna.html - acesso em 20/10/2015.

Carolina além de pianista foi compositora. Desde 1930 observamos vários de seus registros em disco com suas próprias composições em versões instrumentais e vocais. Cantores como Cauby Peixoto, Zezé Gonzaga, Linda Batista, Francisco Alves, Silvio Caldas e Jorge Fernandes, dentre outros, também registraram alguns de seus sucessos.

No jornal *A Batalha*, de 10 de maio de 1930, podemos observar uma nota mencionando já a participação de Carolina na programação da Rádio Club do Brasil (inaugurada em 1 de outubro de 1924):

... das 17 às 18hs Hora Infantil – com o concurso das srts. Elisa Coelho², Carolina Cardoso de Menezes e Brasilina Fernandes.... Este programa contará com duas partes, a primeira de ensinamentos uteis, contos, histórias, fábulas etc e a segunda parte de músicas populares. (*A Batalha*, 1930.)

Também em 1930, em 12 de março, é inaugurada a Rádio Philips no Rio de Janeiro, onde Carolina apresentou-se no Programa Casé (estreia em 14 de fevereiro de 1932), do produtor pernambucano radicado no Rio de Janeiro Ademar Casé, acompanhando artistas como Silvio Caldas, Noel Rosa e Marília Batista. Sendo desativada em 1936, foi encampada no dia 12 de setembro deste mesmo ano pelo grupo do jornal *A Noite*, *Noite Ilustrada* e *Revista Carioca* e transformada na conhecida PRE-8 Rádio Nacional do Rio de Janeiro (CASÉ, 1995).

Em 1935, Carolina é contratada pela Rádio Tupi, onde permanece até 1944. Lauro Miranda (n. 1912), também pianista e seu colega na Tupi, destaca a versatilidade e a facilidade da colega em seu trabalho diário na rádio (informação verbal). Lauro era pianista do Trio Lalo Marenales, especialista em tangos.

A Rádio Nacional é fundada em setembro de 1936, mas seu apogeu acontece nos anos 1940-50. No início dos anos 1940 Carolina conhece Garoto, codinome de Aníbal Augusto Sardinha (1915-1955) na Rádio Nacional. Entre 1942 e 1944 gravam um total de 6 discos pela Victor. No primeiro registro de 1942 notamos a participação instrumental do conjunto chamado “Garoto e Seus Garotos”, capitaneado por Garoto em 1941, do qual faziam parte Poly (Ângelo Apolônio) no violão e cavaquinho, Paulinho Cordeiro no violão e os ritmistas Russinho e Natal Cesar Garoto dominava vários instrumentos, dentre eles violão acústico, violão elétrico, violão tenor, banjo, contrabaixo, violoncelo, guitarra havaiana, guitarra portuguesa, cavaquinho e bandolim. Em meados de 1944 o duo Carolina e Garoto passa a se apresentar na Rádio Nacional quando gravam os dois últimos discos desta parceria. O duo se desfaz no final de 1944.

² 1909-2001.

Em 15 de dezembro de 1944 Carolina se casa com Davino Pontual Cavalcanti (1913-1969), engenheiro agrônomo. Acrescentou ao seu nome o sobrenome do marido (Cavalcanti) mas conservou seu nome artístico de solteira. Logo que se casaram, foram morar em São Paulo, onde permaneceram por quatro anos, retornando depois ao Rio de Janeiro para residir na Rua Conselheiro Lafayete em Copacabana. Não tiveram filhos. Ficaram casados durante 24 anos até a morte de Davino, em 24 de novembro de 1969.

Retorna ao rádio como contratada em 1949 desta vez pela Rádio Nacional onde trabalhou até se aposentar em 1968. Em 1950 morava no bairro do Flamengo no Rio de Janeiro. Em entrevista na Revista do Rádio no. 11 de 16 de outubro de 1951, Carolina fala de sua viagem à Portugal onde a princípio cumpriria um contrato de três meses mas acabou ficando seis meses percorrendo o país e tocando vários recitais.

...seu esposo, que se encontrava presente, sacou do bolso alguns recortes de jornais. Através dos mesmos tivemos oportunidade de comprovar sua afirmação. Os críticos não pouparam palavras de elogio sobre nossa intérprete, enaltecendo sua virtuosidade. (Revista do Rádio 1951, n.11, p. 13.)

Na Rádio Nacional, Carolina participava de vários programas, mas um era exclusivamente seu e se intitulava *Carolina e seu piano*. Sua música *Preludiando* marcava a abertura do programa e virou um “carro chefe” em sua carreira. Na Revista do Disco de 1955, no.51, Carolina responde à pergunta:

- Que partitura musical você levaria para a lua?
- Preludiando. Desde 1928 é a característica de minhas apresentações... Meu filho, para ir à lua, só com Preludiando, do contrário, cancelo a viagem.

Gravou pela Sinter até 1954. No repertório, músicas de sua autoria, foxes de autores norte-americanos, baiões de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga e tangos de Ernesto Nazareth, como *Brejeiro*, *Escorregando*, *Odeon* e *Tenebroso*.

Em 1958, foi “A Melhor Solista” no concurso instituído pela prefeitura do Rio de Janeiro e pelo jornal *Correio da Manhã*, recebendo a premiação das mãos do representante do prefeito, sr. Gama Filho, então Ministro do Tribunal de Contas. Em outra ocasião “foi a Revista do Rádio que premiou seus méritos artísticos num troféu que lhe foi entregue pelo presidente JK (TEODORO, 1958).

Suas apresentações públicas, assim como suas gravações, não foram frequentes depois de sua aposentadoria em 1968 pela Rádio Nacional. Merece destaque sua histórica participação no LP *Os Pianeiros* (OS PIANEIROS, 1986) em que grava obras de Ernesto

Nazareth (*Odeon*), seu pai Osvaldo (*Mulher*), Sinhô (*Sete coroas*), Aurélio Cavalcanti (*Maxixe*), Eduardo Souto (*Do sorriso da mulher nasceram as flores*), Alberico de Souza (*Tempos que se foram*). Esse registro fonográfico de extrema importância histórica apresenta além de Carolina nomes importantíssimos da criação e da interpretação do repertório pianístico brasileiro. Augusto Vasseur, Carlos Abreu, Nonô, Chiquinha Gonzaga, Tia Amélia, José Ribas, Azevedo Lemos, Chirol e Raimundo Gondim foram interpretados por Aloysio de Alencar Pinto e Antonio Adolfo além de Carolina. Foram também resgatadas gravações de Ernesto Nazareth, Tia Amélia e Nonô tocando suas próprias obras.

Em 27 de março de 1984 a Mesa Diretora da Câmara Municipal do Rio de Janeiro confere a Medalha Pedro Ernesto à Carolina, principal homenagem oficial que a cidade presta a quem mais se destaca na sociedade brasileira ou internacional. Em 1989, Carolina lançou com o violinista Fafá Lemos (Rafael Lemos Júnior, 1921-2004), o LP *Fafá e Carolina* (Eldorado, 1989), depois relançado em CD em 2003.

Em meados dos anos 1980, Carolina residia em Copacabana na Rua Felipe de Oliveira, nº 48, apartamento 102, onde permaneceu até 1990, quando se mudou para a Rua Henrique de Valadares no Cachambi, RJ permanecendo lá até seu falecimento.

Carlos Dantas, crítico de música da Tribuna da Imprensa e amigo pessoal de Carolina, conta o fato de ambos terem trabalhado como pianistas no Restaurante Maria Thereza Weiss em Botafogo na Rua Visconde Silva, zona sul do Rio de Janeiro, onde se revezavam em turnos, entre 1994 e 1996.

No final de outubro de 2000, Carolina começou a ter sérios problemas de saúde em decorrência do câncer já detectado no colo do útero. No início de dezembro foi internada na Santa Casa, vindo a falecer em sua própria residência no dia 31 de dezembro desse mesmo ano.

Carolina era sem dúvida uma estrela, um ícone da música popular em seus primórdios. Foi artista contratada das maiores rádios na cidade no Rio de Janeiro se firmando como solista instrumentista e também como compositora, além de pianista acompanhadora muito requisitada. Os jornais, principalmente nas décadas de 1940 e 1950, retratam não só a carreira de Carolina e sua trajetória profissional, seus sucessos, suas apresentações como também curiosidades e amenidades sobre seu cotidiano, seus gostos pessoais e sua maneira de viver e pensar, demonstrando sua imensa e incontestável popularidade.

Quando se inventaria a participação feminina na MPB raramente é incluída a pianista Carolina Cardoso de Menezes. Parte do problema deve-se ao fato de ela ter feito uma parada de dez anos na carreira (1968-78) num período crucial de

consolidação da indústria e da promoção dos artistas, seguida por um ritmo de apresentações mais espaçadas a partir daí, incluindo os dois discos mais recentes, que tiveram pouca repercussão: *Fafá & Carolina* (com o violinista Fafá Lemos) de 1989 e o derradeiro, o solo *Preludiando*, de 1997. O outro débito do esquecimento deve-se à tradicional falta de memória - e de interesse - pelo passado da MPB. (SOUZA, 2001.)

Conclusão

É importante perceber o fato de que Carolina, embora tenha trabalhado com inúmeros cantores e instrumentistas, mantinha o foco de suas apresentações como solista. Inclusive sua contratação nas rádios e nas gravadoras faziam este diferencial devido ao seu sucesso, já que sempre foi considerada uma virtuose do piano. Além de ter tocado com renomados cantores como Orlando Silva, Francisco Alves, Vítório Lattari, Jorge Fernandes, Linda Batista, Mário Reis, Silvio Caldas, Lucio Alves, Zezé Gonzaga, Angela Maria, Cauby Peixoto, Jorge Goulart, colaborou com inúmeros instrumentistas como Walfrido Silva (baterista e compositor) José Menezes (violonista), Vidal (contrabaixista), Luciano Perrone (bateria) e Garoto. Trabalhou com os maestros e arranjadores mais solicitados nas décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960: Lirio Panicali, Radamés Gnattali, Maestro Gaya, Léo Perachi, Simon Boutman e Scaramboni.

Os registros fonográficos de Carolina até 1958 em 78 rpm, organizados por Jairo Severiano, ultrapassam a soma de 70 discos gravados por vários selos: Parlophon, Odeon, Victor, Columbia, Capitol, Continental e Sinter (Sociedade Interamericana de Representações). Considerando, por exemplo, que Emilinha Borba (1923-2005) gravou uma média de 60 discos de 1939 a 1954, fica claro perceber o grau de popularidade e a importância de Carolina na história da música popular brasileira. A falta de menção à sua produção artística no histórico das rádios cria uma dificuldade imensa para que o pesquisador consiga obter informações sobre sua trajetória brilhante de 66 anos ininterruptos dedicados à música. Foram mais de 30 anos de trabalho nas principais rádios do Rio de Janeiro (Sociedade, Rádio Club, Tupi, Philips e Nacional) onde se concentrou uma das mais frutíferas histórias do rádio brasileiro e conseqüentemente da história da música brasileira. Os cantores “varriam” verdadeiras multidões para os programas de auditório; orquestras, grupos instrumentais e vocais além de inúmeros músicos solistas e cantores eram disputados pelo *cast* das emissoras; os apresentadores dos programas eram pessoas influentes na carreira de artistas que caíam não só no gosto dos formadores de opinião como nas graças do público ávido por novidades que se tornavam consumidores vorazes do mercado fonográfico. Carolina fez parte deste cotidiano com seu piano “ritmado”, “suinado” e cheio de espontaneidade. Uniu seus estudos

tradicionais das aulas de piano recebidas na adolescência com seu ouvido fantástico e minucioso. Através de sua inesgotável musicalidade refinou e burilou cada vez mais o seu ofício durante algumas décadas em que se tornou uma das profissionais mais bem quistas de sua época. Isso tudo resultou numa magistral sonoridade aliada a um refinamento estético e fraseológico raramente visto na história do piano popular de sua geração. Sua profissão, de pianista de rádio, já não existe mais. As rádios mudaram seu foco, sua maneira de trabalhar e de difundir a música. Independente do gosto pessoal de cada ouvinte a filosofia da maioria das rádios se modificou, e boa parte das mudanças se deve ao advento da televisão. Nem todos os artistas de rádio se adaptaram a estas mudanças. Carolina foi uma delas. Porém seu legado ficou em suas inúmeras gravações e na memória de fãs que ainda lamentam sua perda. Todo pianista brasileiro, independente do estilo que abraçou ou do lugar que nasceu, deveria ouvir Carolina para se dar conta da riqueza de seu imenso imaginário musical. Que Carolina sirva de exemplo para muitas gerações futuras que se interessam por música bem tocada, pura e simplesmente, não importando o viés que ela represente.

Referências

CABRAL, Sérgio. *No tempo de Almirante: Uma história do Rádio e da MPB*. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1990.

CASA do Choro. Disponível em <<http://www.casadochoro.com.br/>>. Acesso em: nov. 2015.

CASÉ, Rafael. *Programa Casé: o Rádio começou aqui*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995.

Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em <<http://www.dicionariompb.com.br/>>. Acessos entre 2011 e 2015.

Enciclopédia da Música Brasileira: popular, erudita e folclórica. 2. ed. São. Paulo: Art Editora: Publifolha, 1998.

EVANGELISTA, Ronaldo. As mais antigas gravações de temas afro-brasileiros. *Goma-Laca*, vol 1, Janeiro de 2014. Disponível em <<http://www.goma-laca.com/portfolio/as-mais-antigas-gravacoes-de-temas-afrobrasileiros/>>. Acesso em: out/nov 2015.

MELLO, Zuzi Homem de. Encarte de *Fafá e Carolina*. Eldorado, 1989. Long Play. 1 disco sonoro (45 min), 33 1/3 rpm, estereo., 12 pol.

MENEZES, Carolina Cardoso. Carolina Cardoso Menezes: depoimento [20 jun. 1978]. Rádio JB, 1978. Entrevista concedida ao programa Noturno, em estúdio da Rádio JB. Transcrição por Alexandre Dias (27 ago. 2004).

_____. *Monumento da Música Popular Brasileira: Carolina Cardoso de Menezes*. Associação Brasileira de Produtores de Discos. MEC/FUNARTE/INM: Rio de Janeiro, 1976. Long Play.

OS PIANEIROS. Rio de Janeiro: FENABB, 1986. Long Play. 2 discos sonoros 33 1/3 rpm, estereo., 12 pol.

SANDRONI, Carlos. Dois sambas de 1930 e a constituição do gênero: Na Pavuna e Eu vou te abandonar. In: *Cadernos do Colóquio*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2001, p. 8-21.

SEVERIANO, Jairo. *Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2008.

SILVA, Esdras Rodrigues. *Fafá Lemos e o violino na música popular brasileira*. In: *VI Congresso da IASPM-AL*, Buenos Aires. Actas del VI Congreso de la IASPM-AL, 2005. Disponível em <<http://www.iaspmal.net/wp-content/uploads/2012/01/rodriguessilva.pdf>>. Acesso em: out 2015.

SOUZA, Tárík de. *Choro, fox, bolero, samba e até rock*. 02/01/2001. Disponível em <<http://cliquemusic.uol.com.br/materias/ver/choro--fox--bolero--samba-e-ate-rock>>. Acesso em: out 2015.

TEODORO, Gontijo. *Carolina no Samba*. Rio de Janeiro: Helium, 1958. Long Play.

TESSER, Tereza Cristina. *De passagem pelos estúdios: a presença feminina no início do Rádio no Rio de Janeiro e São Paulo 1923 a 1943*. *IX Simpósio da Pesquisa em Comunicação Região Sudeste*, Campos dos Goytacazes, 2002. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/sipec/ix/trab07b.htm>>. Acesso em: out 2015.

VASCONCELOS, Ary. *Panorama da Música Popular Brasileira Vol.2*. Rio de Janeiro: Martins, 1965.